



UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO TRADICIONAL

Cátia da Silva Herter¹, Luciana de Lurdes de Oliveira da Silva², Mariele Aline Durigon³, Aline Aparecida Cezar Costa⁴

Palavras-chave: Avaliação diagnóstica. Educação bancária. Metodologias ativas.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa aborda, a avaliação tradicional que está sendo utilizada até hoje pelos professores, em controvérsia com a avaliação formativa e diagnóstica, que possibilita uma nova visão sobre a avaliação. Partimos de uma avaliação justa, que vise a real aprendizagem dos alunos, e não como reprodução de conteúdo, nem como castigo, premiação ou classificação dos alunos (LUCKESI, 2000; PERRENOUD, 2000; FREIRE, 1992)

A avaliação deve partir dos conhecimentos, das aprendizagens adquiridas pelos alunos e de suas dificuldades, e experiências vividas, onde o professor irá tomar um novo rumo, orientando, mediando, para que o aluno possa sanar suas dificuldades e ter aprendizagens significativas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na reflexão sobre a utilização da avaliação tradicional, método que está infundido na prática dos educadores, e que não abre caminho para a avaliação formativa e diagnóstica, que é antagônica a prática tradicional e que oportuniza aprendizagens significativas. Portanto, a metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa pelo procedimento bibliográfico, tendo como aportes teóricos básicos: Luckesi (2000), Perrenoud (2000) e Freire (1992).

¹ Discente do curso de Pedagogia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. E-mail: herter851@gmail.com

² Discente do curso de Pedagogia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: lucianaoliveira.dasilva@outlook.com

³ Discente do curso de Pedagogia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. E-mail: marielelaine@gmail.com

⁴ Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional (UNICRUZ). Licenciada em Pedagogia (UNICRUZ). Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: acezar@unicruz.edu.br



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atualmente, mesmo com formações e diferentes autores abordando a questão de uma avaliação justa, que diagnostique as aquisições de conhecimentos já adquiridos pelos alunos e que possibilite o uso de novas estratégias de ensino e metodologias ativas, para sanar as dificuldades existentes ainda predomina entre os educadores o método tradicional de avaliação e a aula expositiva, sem a construção do conhecimentos juntamente com os alunos, baseando se numa educação bancária e repetitiva.

O mal na verdade não está nas aulas expositivas nas explicações o que o professor ou a professora faz. Não é isso que caracterizei e critiquei como prática bancária critiquei e continuo criticando aquele tipo de relação educador-educando em que o educador se considera o exclusivo educador do educando. Em que o educador rompe ou não aceita a condição fundamental do ato de conhecer que a sua relação dialógica. Por isso mesmo a relação em que o educador transfere o conhecimento em torno de a ou b ou c objetos ou conteúdos ao educando como puro recipiente (FREIRE,1992, p.119)

A metodologia tradicional de avaliação abordada pelos professores, utiliza o “medo” da reprovação, como estímulo motivador da aprendizagem, ou melhor, da memorização e reprodução dos conteúdos em seus instrumentos de avaliação, que geralmente partem de provas e exames sem consulta.

Os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia aos alunos: “Escutem! Caso contrário vocês poderão se dar mal no dia da prova”. Quando observa que os alunos estão indisciplinados, é comum o uso da expressão: “Fiquem quietos! Prestem atenção! o dia da prova vem aí e vocês verão o que vai acontecer”. Ou, então, ocorre um terrorismo homeopático. A cada dia o professor vai anunciando uma pequena ameaça (LUCKESI, 2000, p. 18).

A intenção de muitos professores se baseia em “cobrar” e “prejudicar” os alunos indisciplinados e que não prestam atenção em suas aulas, utilizando as provas como forma de tortura, colocando conteúdos que muitas vezes não foram trabalhados em aula e uma linguagem incompreensível para o aluno, justamente para que este não consiga resolver os exercícios e conseqüentemente, reprove na disciplina.

Vale a gana autoritária do professor que, com isso, pode aprovar incompetentes e reprovar competentes; com isso pode agradar “os queridos” e reprimir e sujeitar os irrequietos e “malqueridos”. A avaliação, aqui, ganha os foros do direito de premiar ou castigar dentro do ritual pedagógico (LUCKESI, 2000, p. 41)

Entretanto, vale destacar que o bom professor não é aquele que reprova grande porcentagem dos alunos e sim, aquele que busca a garantia do ensino-aprendizagem, fazendo que os alunos realmente aprendam e não simplesmente memorizem os conteúdos. Alunos que reprovam por anos consecutivos desistem de estudar e assim acontece a evasão escolar,



temática preocupante, que o professor deve levar em consideração, buscando métodos de aprendizagens que garantem a permanência do aluno na escola.

O ensino-aprendizagem é um processo complexo, que exige um professor comprometido com sua prática e um aluno interessado em aprender, claro que, isto exige também metodologias e experiências incentivadoras por parte do professor, para que os alunos se tornem pesquisadores, que busquem novos conhecimentos, que sejam sujeitos críticos e que desenvolvam habilidades e competências transdisciplinares que os acompanhem durante sua trajetória de vida escolar e profissional.

[...] o elemento essencial, para que se dê à avaliação educacional escolar um rumo diverso ao que vem ser exercitado, é o resgate da função diagnóstica. Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos (LUCKESI, 2000, p. 43)

A avaliação deve ser diagnóstica, partindo do que o aluno já sabe e identificando dificuldades, para então supri-las. Isto só será possível, a partir de novas orientações, de estratégias de ensino inovadoras que atraiam a atenção do aluno, que deem autonomia, que eles possam discutir, dialogar, interagir com o professor e seus colegas, trocar experiências e aguçar sua criatividade, sem podá-la como em muitos casos está acontecendo.

Se deseja desenvolver em seus alunos a imaginação, a expressão, a argumentação, o raciocínio, o senso de observação ou a cooperação, não pode esperar progressos sensíveis em algumas semanas. A construção de atitudes, de competências ou de conhecimentos fundamentais leva meses, até mesmo anos (PERRENOUD, 2000, p. 50)

Enfim, o processo de ensino-aprendizagem, é uma caminhada diária, onde o professor não deve abandonar ou desistir de seus alunos, e sim, insistir na construção do conhecimento. O professor também deve levar em consideração, a subjetividade e a bagagem cultural do aluno, suas facilidades e suas dificuldades; o professor deve ter paciência e valorizar o conhecimento que o aluno traz de casa; relacionando o conteúdo trabalhado com a realidade do aluno, para que aprendizagens significativas aconteçam.

O professor deve ser um mediador, propiciando situações de aprendizagens e vivências significativas, construindo o conhecimento a partir e juntamente com o aluno, fazendo com que o desenvolvimento integral aconteça. Segundo Perrenoud (2000) o professor deve fazer balanços periódicos do que o aluno já aprendeu, a partir de uma observação contínua em sala de aula, documentando em portfólios e diários de campo; os momentos mais significativos dos alunos e identificando suas aprendizagens.



Evidentemente, a observação contínua não tem apenas a função de coletar dados com vistas a um balanço. Sua primeira intenção é *formativa*, o que, em uma perspectiva pragmática, significa que considera tudo o que pode auxiliar o aluno a aprender melhor: suas aquisições, as quais condicionam as tarefas que lhe podem ser propostas, assim como sua maneira de aprender e de raciocinar, sua relação com o saber, suas angústias e bloqueios eventuais diante de certos tipos de tarefas, o que faz sentido para ele e o mobiliza, seus interesses, seus projetos, sua auto-imagem como sujeito mais ou menos capaz de aprender, seu ambiente escolar e familiar (PERRENOUD, 2000, p. 49).

Portanto, a avaliação deve ser muito bem pensada e considerada como um instrumento para a garantia da aprendizagem e não para “classificar” os alunos. Além disso, a escola, a universidade ou instituição educativa, assim como seu corpo docente, deve ser avaliado, não somente os alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Concluimos que os professores devem analisar, pesquisar, refletir se a avaliação tradicional no contexto atual está promovendo as habilidades interdisciplinares e novas competências que são necessárias na formação dos cidadãos, para o futuro que está por vir. Considerando novas visões acerca da avaliação, e novas formas de avaliar, como as metodologias ativas, que possam oportunizar aos alunos novas experiências, agregando conhecimento de mundo e reflexões sobre a vida cotidiana.

Os professores devem deixar de lado a avaliação classificatória, pragmática, e focar numa avaliação construtiva, formativa, diagnóstica, que os alunos possam sanar suas dificuldades e garantir a aprendizagem significativa. Além disso, o professor deve chamar a atenção do aluno e motivá-lo a buscar o conhecimento a partir de estratégias inovadoras, que o desenvolva de forma integral.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: o reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1992)
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação de Aprendizagem Escolar**. São Paulo, Ed. Cortez, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2000.
- UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade de Cruz Alta - Unicruz**. Cruz Alta: Unicruz, 2018. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/comissao-editorial/#manual-editorial>>. Acesso em: 19 set. 2019.